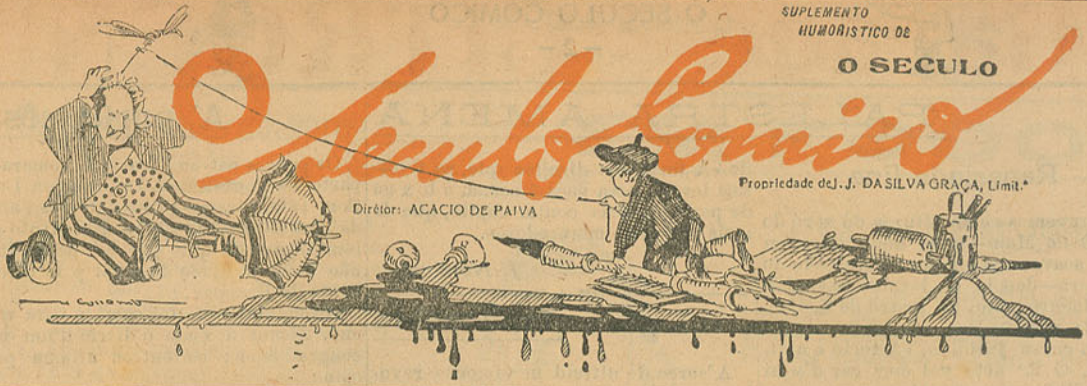


SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SECULO



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. J. DASILVA GRACA, Limit.*

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

INABALAVEL



E' preciso que seja muito forte, para poder resistir a tantas machadadas!



PALESTRA AMENA

A' portugêsa

Rapaziada fina

Escrevemos pelas alturas do zero do dia 20 de Maio—meia noite, que com vagar soava, nos tempos do Noivado do Sepulcro—depois de termos assistido ao primeiro acto, no teatro de S. Carlos, da revista dos estudantes do 5.º ano do curso jurístico, «A torto e a direito». O 2.º acto vai com çar d'aqui a bocadinho, quando já estiver o es em vale de lençóis, felizes e esquecidos do que acabamos de ver e de ouvir.

Ai, filhinhos! Onde está aquela antiga alegria académica, das recitas anuais, destrambelhadas, do das, ruído-as, irreverentes—mas engraçadissimas, nervosas, exuberantes de mocidade? Onde estais, rapazes d'esse tempo, hoje velhos, que não contais a vossos filhos, para eles vos imitarem, as talices suas que fizestes, as cambalhotas n'aquelle palco, o pagole em toda a noite, as girandolas de d'itos espirituosos da scena para a plateia e d'esta para aquella?

Fizemos depois do primeiro acto, confissão-lo, sem desprimór para quem quer que seja. Que carunchosos conselheiros do antigo regime eram aqueles que se arrastava n'palco, titubeando, sem um onçada—a não ser as d'un moço pregoeiro, que punha os lentes e a escola em loilão, com chiste, e as de Tomaz Colaço, dando á perna com «sal» e requebrando-se com pilheria?

Se ali encheram a peça de referencias politicas, com remoços ao Cunha Leal, ao Bernardino, ao Liberato e a outros como os quais até agora não tiveram a tratar, felizmente!

Ainda se as tais referencias fossem claras e corajosamente de rachar! Mas não: eram dúbias, hesi antes, nem carne nem peixe, para todos os palatares...

Para nós houve apenas uma nota verdadeiramente juvenil e digna, que talvez nos obrigasse a absolver a rapaziada, se tivéssemos tido a niço para assistir até final: é que ninguém sabia o seu papel, nem sabia como havia de gesticular e ponceo sabiam quando tinham de entrar ou sair. Isso sim; isso é que foi de estudantes, isso é que nos fez ter saudades do passado, em que se representava, nas recitas académicas, tão mal ou peor do que hoje, mas em que havia p' talancia e talvez—vá lá á franceza—panaches.

Ah! aquelle espectáculo em Coimbra, dado pela Tuna Académica de Lisboa, com uma parodia á «Inês de Castro», apunhalada em scena e d'ixando correr em fio, da ferida, praticada n'uma bexiga de porco oculta na veste, um vinhão de beber e chorar por mais!

O afim, a graça, com que os «cassinos» apanhavam o liquido em copos e gritavam:—«Sangue! Queremos beber sangue de Inês!»

Na verdade vos dizemos, senhores

do «A torto e a direito» que, se tivéssemos levado essa peça á scena, a b' x'za de porco deveria conter capilé, que de mais não eréis mercedores.

J. Neutral.

Explicações

A'cerca do ultimo movimento revolucionario, estamos constantemente recebendo cartas explicativas, a que não podemos dar cumprimento porque, por ora, «O Seculo Comico» não é do tamanho do «Times». Publicamos hoje aquellas cujos autores nos metera a empenhos mais fortes e por aqui nos ficamos.

«Sr. redactor:

«Não se tem dito a verdade sobre a minha acção nos acontecimentos que derribaram o governo do sr. dr. Bernardino Machado. Parti para o posto onde me encontraram a mado e prestes a di-parar, porque ha mais de tres semanas que não havia revoluções em Lisboa e isto assim não podia conti-



nuar. Esta é que é a verdade. Creia na palavra honrada do seu leitor assíduo.

X. P.»

«Sr. redactor.

«Permita-me que venha á estacada para r' futar algumas falsidades que tenho ouvido acerca da minha intervenção na revolta que esveve para rebentar ha dias. Como em tudo, «cherchez la femme»—e foi uma entrevista que eu tinha apiaçado com a menina Tereza de Jesus, uma sua criada, que me levou para as bandas do Cabeço de Bola. Sem mais, sem muito obrigado

F. 2.º cabo.

«Sr. redactor.

«E' preciso que a verdade se aclare por uma vez, para eu não ver o meu nome nos jornais e não ler as decomposturas que me dão, ora pela banda do sr. Alvaro de Castro, ora pela do sr. Liberato Pinto, ora pela do sr. Procopio, etc. etc. Tomei parte no movimento—digo sem receio de consequências—porqu' Maria vai com as outras e eu cá por mim tanto se me dá como se me den. Se pega, pega, se não pega é graça, para de nte é que é o caminho e quem não aparece esquece. Crê ter-lhe dado todas as explicações e de v. mt.º at.º obg.

L. S. T.»

Os pobres estrangeiros que tomaram parte na Conferencia Internacional do Comício, viram-se livres de nós e ainda lhes parece um sonho. Enquanto se lembrarem do que por cá passaram, não tem vontade de olhar para o occidente da Europa...

Ha menino que foi comido para um ano. Temos á vista o diario d'un dos congressistas; os outros afinam por este:

«Dia 20—Hoje comi 8 leitões, 16 perni. 24 pascualias e 123 pratos diversos. Bebí 25 garraf. s».



«Dia 21—Tive hoje 15 almoços, 18 lanches, 19 jantares, 53 merendas e 16 ceias».

«Dia 22—Durante estes dois dias não assistí às sessões, porque estive a vomitar...»

«Dia 23—Hoje 54 almoços, 23 lanches 29 jantares, 82 merendas, 131 ceias—fora 123 chás das cinco».

«Dia 24—Reben ei esta manhã...»

«Dia 25—Os medicos, como s' faz em Espanha aos cavalos, nas touradas, recolhi ram-me as tripis e coseram-me a barriga, porque é indispensavel que eu coma mais...»

«Dia 26—Comi ao almoço uma vara de porcos, ao jantar um bando de perizes e á ceia uma mandra de bo s...»

«Dia 27—Hoje estou apenas a frutás. E' meio dia e já cá cantam quatro centos de laranjas e dois cachos de banana»...»

«Dia 28—Rebentei outra vez e agora creio que fique sem concerto!»

LOGARES SELECTOS

Casuistica

Um padre de largo peito
Exclamava em voz profunda:
—«Sim, carissimos irmãos!
Deixai lá queixum-a vãos:
Quanto Deus faz é ben. feito!»

Vai-se d'all um coreunda:
—«Salvo o devido respeito,
Já nem marceia é defeito!...
Sou eu são e escorreito?»
Ele, ao ve-lo, com feito,

Sem poder olhar direito,
De pescoço contrafeito,
Homens largos, peito estreito
Rendendo os pé com as mãos:
—«E que duvida, cristãos!
Que é um coreunda «perfeito!»

(DE JOÃO DE DEUS)



Certame de tradutores

Acta

Os abaixo assinados, tendo-lhes sido presente 529 traducções da poe ia franceza «La télégra, hie sans fils» declararam que: perfeita, o que se diz pe feita, nenhuma d'ellas é. No entanto, como tudo é relativo no mundo, que ha muito deixámos, damos licença para se publicar, pela graça que tem, a que abaixo se segue, mencionand nós, também honrosamente, as traducções de J. de L. (Angola), Jota (Elois), B. A. (Estremoz), R. C. Miguel Alves de Lima Soares, Antonio Rodrigues Santos, Antonio Doira, Ana Maria da G. (Ida), J. F., Anonio Figueiredo Vasconcelos, Figueiredo Santos, Libi, João Perdigão, Eduardo Cruz, Madu o III.

Luiz de Camões

Manuel M. Barbosa du Bocage
Visconde de Almeida Garrett

Segue o corpo de delicto:

A telegrafia sem fios

De Pena-Garcia,
Aé a Bugio,
A telegrafia
Que não tem um fio,
Dá ao sexo forte.
(Caso não vulgar!)
Mutíssima sorte,
Para namorar...

Esta descoberta e peras,
Que já tem servido aos «beefs»,
Serve também e deveras,
A diversos «pendentifs»...

Po que quem quizer,
Pode a uma mulher

Dizer quanto lhe quer bem,
Só pelo ar,

Sem o saber mais ninguém,
E sem ninguém «observar»...
E até, a um perigo ou damno,
Dar-lhe um beijo arteziano,

E um bavano
No marido
Aborrecido!...

Labroste

A ponte sobre o Tejo

Temos cá um palpite que d'esta vez é que vai. Lá de quando em quando aparece um sujeito que se propõe a construir uma ponte de Lisboa para a



Outra-Banda, sujeito que logo desaparece.

Agora, porém, a coisa cheira-nos—

EM FOCO

T. mé de Barros Queiroz



Não sei por que, ha muito me palpita
Que quem pode cortar pelo direito
E' este sensatissimo sujeito,
Pois me parece que não vai na fita.

Se o dsecalabro d'esta vez evita,
Se faz, como supponho, obra de geito
Acendo a S. Tomé, por seu respeito,
Uma vela carissima e bem dita!

O que vejo peor é que a cadeira
De quem vai presidir, quer o destino
Que seja, ao que parece, traçoira;

Aquilo tem microbios, imagino:
Quem n'ela se repimpa faz asneira
E fica sempre um pouco bernardino...

BELMIRO.

porque, sem dvidá, a ponte, n'este momento, corresponde a uma necessidade. De que mais necessitam nós? De dinheiro? Não. De juiz? Não. De trabalhar? Não... De ir a pé a Cacilhas? Sim.

Este isolamento em que vivemos, este desconhecimento que os lisboetas temem dos burros de Cacilhas e vice-versa, é um facto lamentavel; e a Espanha grita-se a todo o momento, não se faz o inter-cambio intelectual—e com a Outra-Banda, dizemos nós, não se faz o inter-burrical.

De mais, o proponente não quer nada do Estado, nem, parece, cobra á direitos de portagem, o que é inexplicavel, porque não se vê que interesse tenha em dotar os povos das duas margens do Tejo com tal melhoramento. Querem ver que é algum novo-rico, que vai querer o monopolio dos suicidios?

O diabo o jure!

Fóra a parelha!

Um dia d'estes uma senhora, muito do nosso respeito, fez a uma conferencia feminista, na qual revelou esta espantosa coisa: que no Algarve as cam



ponezas são atreladas a carros e arados juntamente com os burros!

Confessamos a nossa ignorancia e a indignação que a revelação em nós produziu. Habitados a não batermos numa mulher nem com uma flôr, como concebemos que uma besta d'um homem consinta que a esposa, a filha ou mesmo uma criada aparelhe com um burro?

Senhores: se ha af quem nos queira

acompanhar ao Algarve, a libertar o sexo fragil de tão deprimente companhia, estamos prontos a partir e a fazer justiça, castigando os selvagens culpados. Mas, como não é justo que os burros deixem de ter quem os ajude a puxar, como não é justo nem conveniente que as terras deixem de ser lavradas, levemos de Lisboa quem substitua dignamente as d'umas fracas e sem forças e quem não desmanche a harmonia do conjunto, como see dizer-se. Vamos e levemos burros, que os temos cá em abundancia, graças a Deus.

Torre de Chifre

As côres

E' no arco de aliança
Onde vós as encontráis
Até onde a vista alcança
Nas tardes inverniaes.

Lá está o amarelo
Côr do nosso desespero
Entretanto muito belo
Porque é muito sincero

Lá está o azul
Que é o ciume violento
E lembra o vento sul
Quando ha muito vento.

Lá está o verde também
A esperança no futuro
Côr da onda que vai e vem
Bate no rochedo mais duro.

Lá está o encarnado
Côr de fogo do arrebol
No mundo muito sublimado
Trô bonito como o sol.

E' no arco da aliança
Onde vós as encontráis
Quando o temporal amansa
Logo depois dos temporais.

ALBERTO ROSA TELHAL.

Mais uma...



— Achato-lhe o bêquê, seu Mexico d'uma figa